

*Eu sou donde
eu nasci. Sou de
outros lugares*

Guimarães Rosa: sertão, memória e arquivo

Maria Célia Leonel | UNESP – Araraquara

Resumo: Estabelecemos relações entre memória, cultura e arquivo para refletir sobre o Arquivo Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Memória é a possibilidade de dispor de conhecimentos passados que permitem ao homem construir a cultura, que, quando viva, é aberta ao futuro, mas ancorada no passado, dependente de algum tipo de acumulação, que pode se dar por meio dos velhos ou pelo material conservado nos mais variados acervos – arquivos, museus, bibliotecas. Guimarães Rosa, anotando, recortando, classificando e conservando uma grande quantidade de documentos, construiu uma forma de memória objetiva para uso posterior na produção literária, uso que realizou de maneira muito especial no que se refere ao sertão.

Palavras-chave: Guimarães Rosa, arquivo, sertão.

No mundo mítico grego, segundo Hesíodo, da fecunda união entre Urano e Gaia, Céu e Terra, originaram-se os doze titãs, seis filhos e seis filhas. As titânesas Têmis e Mnemósine diferenciam-se dos irmãos e das demais irmãs e merecem atenção em consequência dessa diferenciação:

A primeira é a potência por excelência da Ordem do Mundo: Têmis é a Lei, o eterno equilíbrio. Sua irmã, Mnemósine, é o poder do Espírito, a Memória

que garante a vitória do espírito sobre a matéria instantânea e funda toda inteligência (GRIMAL, 1983, p. 27).

Mnemósine é também a mãe das musas. Sendo assim, na teogonia grega, fenômenos como espírito e inteligência, de que dependem o homem e suas criações, vinculam-se diretamente à memória, que é

A possibilidade de dispor dos conhecimentos passados. Por conhecimentos passados é preciso entender aqueles que já foram, de um modo qualquer, disponíveis; e não já simplesmente conhecimentos *do* passado (ABBAGNANO, 1970, p. 629).

Essa definição pode ser completada com a idéia de que, em nossa memória, o passado faz-se presente, vencendo a transitoriedade, visto que o passado não é abandonado por nós como algo supérfluo: ele se atualiza no presente, é parte de sua constituição “como natureza humana que se cria e se forma” (KOSIK, 1976, p. 134). Há, portanto, uma contínua integração crítica e avaliatória do passado no presente.

O passado concentrado no presente (e portanto *aufgehoben* no sentido dialético) cria a natureza humana, isto é, a ‘substância’ que inclui tanto a objetividade quanto a subjetividade, tanto as relações materiais e as forças objetivadas, quanto a faculdade de ‘ver’ o mundo e de explicá-lo por meio dos vários modos da subjetividade – cientificamente, artisticamente, filosoficamente, poeticamente, etc. (Id. *ibid.*).

Justamente a disponibilidade dos conhecimentos passados permite ao homem construir a cultura, entendida não no sentido mais atual de “conjunto dos modos de vida de um grupo humano determinado”, mas como “o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, civilizados, que se costumam também indicar pelo nome de *civilização*” (ABBAGNANO, 1970, p. 209). Toda cultura viva e formativa deve ser aberta ao futuro, mas ancorada no passado e, para que ele possa ser recuperado e fazer parte da cultura, é necessária a memória, princípio que possibilita os fazeres humanos como a ciência e as artes, entre elas, a literatura.

A atividade cultural depende de algum tipo de acumulação, de armazenamento – que pode se dar quer seja pela memória dos mais velhos, quer seja pela memória conservada nos mais variados acervos – arquivos,

museus, pinacotecas, bibliotecas, hemerotecas e também na memória eletrônica do hipertexto. Tais acervos, por sua vez, podem constituir, como conseqüência de sua manipulação, novas memórias, proporcionando, assim, mudanças na cultura.

A memória de que agora tratamos não é aquela que se manifesta em cada sujeito, constituída por fragmentos de lembranças que, por algum motivo, iluminam-se, presentificam-se. Todavia, essa memória de que cuidamos tem ligações com a dos indivíduos particulares, que, já na distinção feita por Platão, dispõe de duas condições ou momentos distintos, por ele denominados “conservação de sensações” (ou retentiva) e “reminiscência” (ou lembrança):

1. a conservação ou persistência, de uma certa forma, dos conhecimentos passados que, por serem passados, devem se ter subtraído à vista: este momento é a *retentiva*;
2. a possibilidade de evocar, na ocorrência, o conhecimento passado e de torná-lo atual ou presente: que é propriamente a *lembrança* (ABBAGNANO, 1970, p. 629).

Aristóteles destaca outra característica fundamental da memória como lembrança: o *caráter ativo* da deliberação ou da escolha, havendo, portanto, oposição entre o caráter do primeiro momento, o da retentiva, que é natural ou passivo e o caráter do segundo momento, o da lembrança, que é ativo ou voluntário.

Na memória de arquivos e acervos de modo geral, essa distinção não se apresenta como tal, pois não se trata da manifestação individual da lembrança. Naquela há que se considerar, inicialmente, no processo de retentiva, de conservação, o caráter ativo do ou dos responsáveis pela constituição do acervo. Igualmente, no momento em que o arquivo representa a condição de reminiscência, na consulta, a procura é voluntária, é uma busca de quem tem pistas e pode, geralmente, servir-se de índices.

Vejam a aplicação dessas últimas observações no Arquivo Guimarães Rosa pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo com cujo material mantivemos contato prolongado seja como participante de sua organização, seja como consultante. Tal contato trouxe o interesse pela reflexão sobre o vínculo entre esse material – a memória conservada – e a elaboração da obra pelo escritor.

Para tratar do Arquivo, cabe lembrar a conhecida explanação de Guimarães Rosa a Günter Lorenz sobre os motivos que o levaram a tornar-se escritor:

“[...] nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza. [...] Desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas, e também nos criamos em um mundo que às vezes pode se assemelhar a uma lenda cruel. Deste modo a gente se habitua, e narrar estórias corre por nossas veias e penetra em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma de seus homens. [...] No sertão, o que pode uma pessoa fazer do seu tempo livre a não ser contar estórias? A única diferença é simplesmente que eu, em vez de contá-las, escrevia. [...] Eu trazia sempre os ouvidos atentos, escutava tudo o que podia e comecei a transformar em lenda o ambiente que me rodeava, porque este, em sua essência, era e continua sendo uma lenda (ROSA apud LORENZ, 1973, p. 325).

Retomemos alguns pontos desse excerto que, de algum modo, remete ao mundo do narrador clássico de que nos fala Walter Benjamin. O momento da retentiva por parte dos que, como Guimarães Rosa, ouvem as histórias “multicoloridas” é o momento da reminiscência, da lembrança para os que narram as histórias, que podem ser idosos ou não. Já quando o autor de *Grande sertão: veredas* escreve e retoma fragmentos do que ouviu, a atividade da reminiscência atua. Dessa forma, esses dois pólos constroem sua memória, sua cultura e sua obra.

Mas o escritor mineiro, além de conservar “sempre os ouvidos atentos” e de escutar “tudo o que podia”, amplia, em muito, e modifica a atividade de retenção, de conservação do mundo do sertão e também de outros mundos. Não bastando a memória pessoal, cuida de anotar o que vê, ouve e lê nas cadernetas e em muitos outros tipos de suporte: cadernos, folhas soltas, pedaços e pedacinhos de papel.

Assim ele corrobora a memória pessoal, construindo uma memória material, que tem especificidades. A reprodução escrita, desenhada, fotografada, de alguma maneira, grafada, é mais objetiva, não está à mercê das inconstâncias e traições da memória individual. A diferença entre a memória humana e a escrita ou conservada por qualquer outro tipo de suporte é, portanto, de meios e de possibilidades de utilização. A memória de cada um é sempre virtual, o que não ocorre com a material.

O autor de *Sagarana* optou por essa modalidade de conservação de conhecimentos e informações muito cedo, como se vê na declaração a Lorenz. De acordo com Mário Palmério (1968, p. 5), no discurso de sua posse na vaga de Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras, o período em que viveu em Itaguara como “médico de roça” foi o mais proveitoso, pois

Guimarães Rosa anotava tudo, não só de memória, mas, e principalmente, nas suas famosas cadernetas. [...] As anotações resultaram em abastado glossário sertanejo, verdadeiro léxico enciclopédico de todo um novo vocabulário e gramática, de uma nova história natural e antropologia, e tudo rigorosamente autêntico, fiel ao visto e ouvido. Não tivesse Guimarães Rosa acumulado esse minucioso e exato pé-de-meia, ser-lhe-ia impossível levar a cabo a estendida e densa obra de arte que foi o seu importantíssimo legado (Id. *ibid.*).

O Arquivo, por sua vez, é consequência dessa ampliação do que queria guardar, em especial, para possível utilização na obra e parte do que lá se encontra pode ter sido acumulado em Itaguara. Pode-se mesmo dizer que o acervo de Guimarães Rosa constitui parte fundamental de seu projeto de construir vigorosa obra literária. Tanto a formação do Arquivo, momento da retenção, quanto seu uso, no momento da consulta que corresponde à lembrança, de modo em geral, são operações voluntárias. Para recuperar o passado, Guimarães Rosa examinava o que registrou e guardou ou o que recortou e conservou. A manipulação do material do acervo – a memória – para trazer o passado registrado à lembrança, possibilita que chegue ao presente também o não-procurado, o inesperado que pode ser de grande proveito; de variadas maneiras, portanto, o Arquivo torna possível “dispor de conhecimentos passados”.

No que se refere a sua formação, esse acervo é constituído de documentos que, falando qualitativamente mas também quantitativamente, cuidando do modo como são organizados, enformam um determinado conhecimento. Não se trata apenas de, por exemplo, algumas pastas de anotações de viagem ao interior mineiro ou à Europa, mas de um conjunto de *insights*, dados e informações registrados e agrupados, que estruturam uma memória específica, um conhecimento de grande amplitude. Não se trata, ainda, desde que foi institucionalizado, unicamente, de parte da memória do homem Guimarães Rosa, visto que, se contém o que ele desejou conservar, conta também com a interferência de determinados pesquisadores que lhe deram a organização que tem no momento e realizaram os índices analíticos de cada setor.

Cabe aqui uma observação no que diz respeito ao trabalho de arquivista, ao ato de, no Arquivo Guimarães Rosa, reunir documentos, e, especialmente, de separá-los para que sofram novo agrupamento: essa atividade foi sempre realizada a partir de critérios traçados com o máximo cuidado.

O Arquivo Guimarães Rosa, portanto, não é formado apenas pela retentiva do escritor, é uma memória constituída de muitas memórias – do autor de *Corpo de baile*, dos organizadores de seu material, dos consulentes – servindo sempre para produzir novas memórias. Com absoluta certeza, até um determinado momento, esse acervo alimentou a obra rosiana, foi examinado e manipulado pelo escritor. Depois, passou a alimentar várias pesquisas sobre sua obra.

O “trabalho da memória e o da pesquisa que lhe está ligada se relaciona [...] a um conjunto de desejos, de propósitos, de intenções, a uma busca por caminhos que a todo momento se bifurcam” (OLIVEIRA, 1998, p. 273). Bifurcando-se, multiplicando-se, os caminhos, procurados em consequência de desejos, propósitos e intenções, resultam da busca de um sentido para alguma coisa. Se pensarmos que o material do Arquivo só existiu e só existe como memória quando ele foi ou é manipulado de forma a constituir, de uma maneira qualquer, um sentido, voltamos à idéia de que um dos resultados da memória é a criação dos sentidos da vida humana, portanto, da cultura.

A pesquisa é, por conseguinte, outro momento de ação da memória, interpretando, acrescentando, criando conhecimento. O avanço ou a mudança que a pesquisa pode proporcionar no conhecimento pela atividade de investigação é também uma face da cultura, dado que cultura não é apenas armazenamento, é um princípio ativo e, como tal, sujeita à modificação.

Cuidemos agora da maneira como Guimarães Rosa conservou a memória do sertão. Entre os documentos do Arquivo, muitos revelam que o escritor tomou nota do que viu, ouviu, sentiu ou percebeu nas célebres viagens ao interior mineiro. Tais anotações, inicialmente feitas nas já conhecidas cadernetas, foram depois datilografadas, constituindo dois diários de viagem ao mundo sertanejo de Minas Gerais. Um deles recebeu o nome de *Grande excursão a Minas* e outro de *A boiada*, este dividido em duas partes.

Para que se tenha idéia do tipo de anotação realizada, apresentase um trecho de *A boiada 2* (ROSA, s.d, p. 5):

Jatobá (miudinho)

Jacarandá.

Faveira.

O páu-dôce: compridos cachos, amarelo grôso.

3 hs.25' – Chegamos à vereda da Tolda.

! – O cheiro bovino se acentuando mais e ficando doce, como o mel na tacha, cheiro de engenho. Raimundo Bindóia explica: é dos cascos, nas pedras!

Em outra página do mesmo diário (ROSA, s.d, p. 16), temos:

(Zito): “Ignácio Rocha: - Tinha 5 bestas de sela. Atendia chamados, atendia “qualquer aurora”.

12 hs. 20' – Costeamos bela larga vereda – a mais bela – com buritis grandes e meninos, verde e amarelo oiro. Nêles o vento zumbe. As fôlhas altas, erectas, se dedeiam. Vários leques, cada um.

“Sofrer” – amarelo e preto. Bandos dêles, nos buritis.

12 hs. 40' – Bandos de sofrês, nos buritis. Cantam!

[...]

Chegamos à 1 h. 15' na Fazenda Santa Catarina, do sr. Pedro Mendes.

– “O que é “aquilo” lá, aquêles mouros?

– “É um boi carreiro. Morreu o companheiro dêle, e estou levando êle...

Em tais notas, determinadas representações de componentes do espaço regional mineiro são fixadas a partir de um olhar subjetivo, já imantado pela poesia, constituindo ampla paisagem humana e social, animal, vegetal. Esse é o principal tipo de memória conservada no diário: um modo de ver o interior de Minas, o mundo da cultura sertaneja.

O conteúdo desses diários mostra que as anotações – e, conseqüentemente, também a obra rosiana – são resultado de muitas memórias: do escritor, e, apesar de sua interferência nos registros, de vaqueiros como Manuelzão, Zito e muitos outros, de pessoas que encontrou durante a viagem, de quem registrou os causos, as histórias, as quadras, as expressões, fazendo, de uma parte importante do Arquivo, um repositório privilegiado da memória cultural do sertão. Embora o acervo não seja apenas constituído pela representação do mundo popular, pois há nele uma boa quantidade de registros provenientes do universo erudito como transcrições de Homero, Virgílio, Freud e outros, podemos dizer que o sertão tem espaço privilegiado no Arquivo.

A importância que o sertão tem no acervo ensejou a busca de relações entre a memória do sertão e a obra, trabalho de pesquisa que é de mão dupla: vai da obra ao Arquivo e deste à obra para verificar, não apenas o que dele foi aproveitado, mas, principalmente, o modo como isso foi feito. Vários trabalhos assim realizados permitem dizer: a obra rosiana seria muito diferente sem aquilo que o escritor anotou e conservou e que hoje constitui o seu acervo e, possivelmente, podemos concluir o mesmo da obra de Mário de Andrade e de outros autores.

Vejamos como elementos do Arquivo podem chegar à obra de Guimarães Rosa, espaço de aproveitamento das memórias registradas. Uma das possibilidades dessa operação é, na obra, o escritor casar a memória do sertão mineiro com outra memória, a da antigüidade greco-latina, que nunca deixou de estar presente na vida ocidental, mesmo que disso não tenhamos consciência.

Tomando-se um pequeno trecho de *Grande sertão: veredas*, vemos como, com o influxo do Arquivo, ocorre a aproximação entre os dois universos, o sertanejo e o erudito, mistura que é uma das bases da obra rosiana. Trata-se de anotação de *A boiada 2*, que se articula com o texto da narrativa, de forma a permitir que, concretamente, acompanhem a transcrição de registros na composição literária. A nota do diário de viagem refere-se ao momento em que vaqueiros e bois pernoitam na fazenda denominada Santa Catarina (ROSA, s.d, p. 16):

A Fazenda Santa Catarina fica perto (junto do) céu – um céu azul pintural – de Pisa ou Siena – com núvens que não se removem.

Observa-se, no registro, a impressão causada pelo espaço dessa fazenda, importando, sobretudo, a tentativa de descrição do azul do céu, numa frase que não é unicamente informativa, mas carregada de conotação, evidenciando-se a presença da subjetividade do escritor.

Da obra, interessa o episódio referente ao primeiro encontro de Riobaldo com Otacília em *Grande sertão: veredas*, de grande importância na narrativa, ainda que não seja considerado como um dos momentos cruciais e divisores de águas. Sobre os envoltimentos amorosos de Riobaldo, diz Benedito Nunes (1969, p. 144) que o protagonista do romance

[...] conhece três espécies diferentes de amor: o enlevo por Otacília, moça encontrada na Fazenda Santa Catarina, a flamejante e dúbia paixão pelo amigo Diadorim, e a recordação voluptuosa de Nhorinhá, prostituta [...].

Entre muitos estudos sobre as mulheres que acompanham a trajetória de Riobaldo, destacamos o de Benedito Nunes, não apenas por ser clássico, mas porque a qualificação que ele faz de Otacília é justamente seu vínculo com a Fazenda Santa Catarina, que tem alguns significados, como o de indicar o possível desejo de aburguesamento do protagonista Riobaldo. No entanto, a presença da fazenda pode ser lida em outro paradigma.

A aproximação entre o texto publicado de *Grande sertão: veredas* e as notas mencionadas leva à observação das transformações ocorridas no intervalo redacional e à verificação dos resultados da operação, ou, pelo menos, a uma parte dos resultados: um dos efeitos do processo de elaboração é a construção de um lugar a um tempo sertanejo e mítico, ou, melhor dizendo, o espaço que representa o sertão mineiro é transformado em lugar propício ao mito. De fato, o espaço é sacralizado por meio de recursos como a construção de uma atmosfera mítica em que a menção a componentes do mundo dos mitos da antiguidade é instrumento importante. Ao mesmo tempo, as personagens recebem coordenadas míticas, havendo uma simbiose entre elas e o lugar.

A narração do encontro entre Riobaldo e Otacília apresenta-se, inicialmente, de modo antecipado, mas altamente significativo:

Moça de carinha redonda, entre compridos cabelos. E, o que mais foi, foi um sorriso. Isso chegasse? Às vezes chega, às vezes. Artes que morte e amor têm passagens demarcadas (ROSA, 1965, p. 122).

Vinte e três páginas depois, o encontro é retomado com minúcias. Com a chegada dos jagunços à fazenda Santa Catarina – “de tardinha, noitinha já era, noite, noite fechada” (ROSA, 1965, p. 122), como lemos na antecipação citada – a “graça de carinha e riso e boca” de Otacília é vislumbrada “num enquadro de janela, por mal aceso de uma lâmparina” (ROSA, 1965, p. 145).

A imagem responsável pelo despertar amoroso de Riobaldo é a de uma jovem que começa a configurar-se como uma Afrodite do sertão, cujas armas são a doçura e a sedução e de cujo mágico poder de atração ninguém deve escapar.

A par da renovação do atributo da graça e beleza inerente a Afrodite, Otacília apresenta uma virtude própria de Héstia, aquela que está no centro do espaço doméstico e nunca abandona a casa, que, por sua vez, caracteriza-se por fixar-se no solo (VERNANT, 1965, p. 101). Como símbolo da permanência, Otacília apresenta-se, nesse momento, no espaço circunscrito e fechado da casa da fazenda, iluminada pelo fogo da lamparina. Temos, por conseguinte, o mito grego recriado. A comparação entre o texto do diário e o da ficção desvenda um dos modos pelo qual se constrói o episódio e o espaço diegético do encontro entre as duas personagens.

Outra amostra da articulação entre registro de viagem e texto narrativo é a seguinte:

– Já passaram mais de vinte 'verdadeiras'... (ROSA, s.d., p.20)	Principal que eu via eram as pombas. No bebedouro, pombas bando. E as verdadeiras, altas, cruzando do mato. – “Ah, já passaram mais de vinte verdadeiras deiras...” – palavras de Otacília que contava. Essa principiou a nossa conversa. Salvo uns riscos e silêncios, a tão. Toda moça é mansa, é branca e delicada. Otacília era a <i>mais</i> (ROSA, 1965, p. 146).
--	---

O talento e a cultura rosianas criam a cena em que pombas mineiras cumprem papel de simbolização. Os caminhos de Otacília, como os de Afrodite, cobrem-se de flores, e as pombas a acompanham como ocorre com a deusa em esculturas antigas e em moedas que a representam (DAREMBERG e SAGLIO, s.d., p. 521).

O renascimento das energias vitais não é mais que um dos aspectos da influência de Afrodite sobre tudo o que é vida:

É a forma elementar da impulsão geral dos seres a propagar a espécie. Para o homem, de quem perpetua a raça pelo amor, é uma divindade da família e do casamento, pois, entre eles, é a união estável e legal dos sexos que assegura a perpetuidade das raças (Id., *ibid.*).

O processo de criação que se relaciona com as notas de viagem constrói um cosmos singular, sacralizado pelo discurso, em que o texto das anotações, poeticamente transfigurado, participa da narrativa. Assim é que, muito próximo e muito distanciado do espaço sertanejo – lugar profano – o conjunto das anotações permite compor um novo espaço e a Fazenda Santa Catarina, em *Grande sertão: veredas*, apresenta-se em homologia com a sedução, com o amor que movem as personagens.

A verificação da recorrência da mitologia greco-latina no texto rosiano não permite considerar que, no romance, a mitologia seja simples repositório de figuras ou alegorias do humano, do seu fazer. Recurso da imaginação do escritor, próprio de sua memória, logo de sua cultura, a mitologia presta-se a explicar o que é inexplicável pela razão e pela vontade. Com ela recriando o espaço do sertão, Guimarães Rosa produz um discurso novo, com grande carga poética.

Lembrando que, no que se refere à memória, “Para Xenofonte como para os romanos, a questão da origem é decisiva: os homens são mortais, mas se imortalizam pelos seus feitos e os feitos dos antepassados, criando a origem da sociedade, dão a ela a imortalidade” (CHAUÍ, 1992, p. 42), podemos dizer que a obra de Guimarães Rosa com essa fusão de memórias que opera é parte da formação da sociedade brasileira, de sua memória e lhe confere imortalidade.

Resumen: Establecemos relaciones entre memoria, cultura y archivo para reflexionar sobre el Archivo Guimarães Rosa del Instituto de Estudios Brasileños de la Universidad de São Paulo. La memoria es la posibilidad de acceder a conocimientos pretéritos que le permiten al ser humano construir cultura. Esta, cuando permanece viva, se abre hacia el porvenir; mas se ancla en el pasado y depende de algún tipo de acumulación depositada en la memoria de los ancianos o en distintos acervos – archivos, museos y bibliotecas. Guimarães Rosa, al anotar, recortar, clasificar y conservar un importante volumen de documentos, construye una forma de memoria objetiva para usarla posteriormente en su producción literaria. Este uso resulta particularmente significativo cuando se refiere al sertão.

Palabras Clave: Guimarães Rosa, archivo, sertão.

Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. Trad. coordenada e revista por Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- CHAUÍ, M. Política cultural, cultura política e patrimônio histórico. In: CUNHA, M. C. P. *O direito à memória*. São Paulo: DPH/SMC, 1992. p. 37-46.
- DAREMBERG, C. e SAGLIO, M. E. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines: d'après les textes et les monuments*. Paris: Hachette, s.d. v.5.
- GRIMAL, P. *A mitologia grega*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- KOSIK, K. *Dialética do concreto*. 2. ed. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LORENZ, G. W. João Guimarães Rosa. In: _____. *Diálogo com a América latina: panorama de uma literatura do futuro*. São Paulo: EPU, 1973. p. 315-355.
- NUNES, B. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: _____. *O dorso do tigre: ensaios*. São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 143-171.
- OLIVEIRA, L. C. V. A pesquisa em literatura e os processos de construção da memória. *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*. Belo Horizonte, FALE/UFMG, n. 23, p. 267-276, jul./dez. 1998.
- PALMÉRIO, M. Evocação de Guimarães Rosa. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 4-5.
- ROSA, J. G. *A boiada 2*. Arquivo Guimarães Rosa, Instituto de Estudos Brasileiros, USP. Texto inédito.
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. VERNANT, J. P. Hestia-Hermès. In: _____. *Mythe et pensée chez les grecs*. Paris: François Maspero, 1965. p. 98-145.